

Vogais mediais pretônicas no noroeste paulista: o papel das variáveis sociais no alçamento vocálico

*Medial unstressed vowels in northwestern of São Paulo: the role of social variable
on vowel raising*

Vanessa Cristina Pavezi

Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual Paulista

Luciani Tenani

Sebastião Carlos Leite Gonçalves

Universidade Estadual Paulista



Resumo: Neste artigo, investigamos em que medida variáveis sociais atuam no fenômeno de alçamento de vogais mediais pretônicas na variedade do Português falada em São José do Rio Preto, interior do estado de São Paulo. Baseados no modelo teórico-metodológico da sociolinguística variacionista, analisamos uma amostra de fala proveniente do banco de dados Iboruna. Os resultados mostraram que o alçamento se aplica: (i) tanto para homens quanto para mulheres; (ii) em todas as faixas etárias; e (iii) em todos os níveis de escolaridade. Considerados os resultados da análise das variáveis sociais e linguísticas selecionadas pelo programa GoldVarb, encontramos evidências de que o alçamento não é sensível a pressões sociais na comunidade de fala estudada, o que permite afirmar que não se trata de fenômeno estigmatizado socialmente, e a variação, na sua aplicação, está sujeita, mais fortemente, a variáveis de natureza linguística.

Palavras-chave: Sociolinguística; Variação; Fonologia; Alçamento vocálico; Vogais pretônicas

Abstract: In this paper, we investigate to which extent social variables act on the medial vowel raising phenomenon in the Portuguese variety spoken in São José do Rio Preto, a city in the countryside of São Paulo State. Based on the theoretical-methodological model of Sociolinguistics Variacionist, we analyse speech samples from this city, the Iboruna database. The results show that the vowel raising applies: (i) for both men and women; (ii) in all age groups and, (iii) in all levels of formal education. Taking into consideration the results of analysis of social and linguistic variables selected by the program GoldVarb, we find evidences that vowel raising phenomenon is not sensitive to social pressures in the speech community studied, which allows us to affirm that it is not a phenomenon socially stigmatized and the variation in its implementation is more strongly subject to linguistic variables.

Keywords: Sociolinguistics; Variation; Phonology; Vowel Raising; Unstressed Vowels

1 Introdução

O alçamento de vogais em sílabas pretônicas médias configura-se como fenômeno variável, que leva [e] e [o] a serem produzidos, respectivamente, como [i] e [u], em muitas variedades do Português do Brasil (doravante, PB). Discute-se, na literatura sobre o tema, se esse fenômeno pode ser mais bem explicado de uma perspectiva neogramática ou de uma perspectiva difusionista. Neste artigo, não abordamos essa discussão teórica (embora seja bastante pertinente) e, de partida, assumimos uma

perspectiva neogramática, que toma por base a hipótese de que as mudanças sonoras são foneticamente graduais e lexicalmente abruptas. Feita essa escolha teórica, trazemos a proposta de descrever como atuam as variáveis sociais no alçamento vocálico em uma variedade do PB, a falada no interior paulista.

Dois processos de assimilação podem levar ao alçamento vocálico, a saber: a *harmonização vocálica* e, o que aqui denominaremos, junto com Abaurre-Gnerre (1981), de *redução vocálica*. A harmonização vocálica é o processo pelo qual vogais médias-altas se tornam

altas pela influência de uma vogal alta presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, como em “c[u]stureira” e “v[i]stido”. Já a redução vocálica é o processo pelo qual vogais médias-altas se tornam altas por influência de traços da(s) consoante(s) adjacente(s), como em “p[i]queno” e “c[u]meço”. Neste artigo, focalizamos o comportamento variável das vogais mediais pretônicas nos *nomes* – substantivos e adjetivos –, com base em dados de fala de uma variedade do interior paulista – região de São José do Rio Preto (doravante, SJRP) –, com o objetivo de identificar a atuação das variáveis sociais na aplicação desses processos de assimilação. Mais particularmente, procuraremos responder, ao longo deste artigo, se o fenômeno em análise é estigmatizado na comunidade de fala considerada, se apresenta ou não um comportamento variável estável. Há alguns trabalhos já desenvolvidos sobre o alçamento vocálico na variedade que constitui a amostra de fala considerada neste artigo. Dentre eles, podemos citar os de Tenani e Silveira (2008), Silveira (2008) e Carmo (2009), tendo este último como objeto de análise o alçamento vocálico nos verbos e os dois primeiros, nos nomes. Esses trabalhos têm em comum o fato de descreverem o fenômeno de alçamento de vogais pretônicas em função de variáveis linguísticas/estruturais apenas. Portanto, no presente artigo, avançamos em relação aos trabalhos anteriores que se propuseram à análise do mesmo fenômeno variável na mesma comunidade de fala. A fim de alcançarmos o nosso objetivo, adotamos o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, a ser apresentado na próxima seção, e analisamos os resultados obtidos para as variáveis sociais e linguísticas, que seguem descritas na terceira seção deste artigo. É importante esclarecer que, dado nosso objetivo principal, os resultados sobre a atuação das variáveis linguísticas no alçamento vocálico serão tratados em relação aos resultados das variáveis sociais aqui discutidas. Uma discussão detalhada sobre como se dá a interação entre as variáveis linguísticas, nos substantivos e adjetivos, para a comunidade de fala em estudo pode ser encontrada em Tenani e Silveira (2008) e Silveira (2008).

Assumimos, como pontos de partidas, algumas hipóteses clássicas da Sociolinguística, que norteiam a investigação de fenômenos variáveis. A primeira delas está relacionada à variável idade, segundo a qual falantes de faixa etária mais elevada tendem a ser mais conservadores em relação a mudanças linguísticas. Por meio dos resultados para essa variável, a análise da mudança em tempo aparente pode trazer indícios de mudanças linguísticas numa dada comunidade de fala, pois, a partir de análise sincrônica relacionada à faixa etária, é possível fazer inferências acerca do desenvolvimento diacrônico da língua. A segunda hipótese está relacionada à variável escolaridade e prevê que falantes com escolarização superior tendem ao uso da

variedade padrão, em razão do contato, por mais tempo, com os padrões normativos da língua. Assim, a variável escolaridade, associada à variável idade, pode influenciar positiva ou negativamente a mudança linguística em observação. A terceira e última hipótese, que considera a atuação da variável sexo/gênero sobre um fenômeno linguístico variável, prevê que falantes do gênero feminino são mais sensíveis ao significado social de formas variantes do que os do gênero masculino (cf. LABOV, 1972a:243). Desse modo, falantes do gênero feminino tendem ao uso da forma padrão, porque nela reconhecem um valor de prestígio e de ascensão social, enquanto falantes do gênero masculino tendem a usar a forma que mais o identifica com o grupo social de que faz parte. Chamamos atenção, por fim, para a necessidade de se considerar a atuação dessas variáveis sociais de modo interdependente, pois, diante das hipóteses acerca da atuação dessas variáveis sociais sobre fenômenos variáveis, nossa expectativa é a de que falantes femininos, pertencentes a faixas etárias mais elevadas e com escolarização superior tendem a ser mais conservadores do que falantes pertencentes a outros perfis sociais. Assim, se falantes com esse perfil social apresentarem baixos índices de alçamento e informantes com outros perfis sociais apresentarem altos índices de alçamento, é razoável supor que estamos diante de fenômeno socialmente estigmatizado na comunidade de fala.

2 As variáveis sociais

Quando buscamos identificar o peso das variáveis sociais no comportamento de fenômenos linguísticos variáveis, as questões que se colocam são, por exemplo: (i) indivíduos em idade de inserção no mercado de trabalho privilegiam o uso das formas previstas na norma padrão? (ii) indivíduos com grau de escolarização mais elevado são mais conservadores em relação ao uso da norma padrão? e (iii) as mulheres são mais conservadoras que os homens em relação ao uso da norma padrão?

Dentre as variáveis sociais, a escolarização tem sido a mais considerada para verificar o grau de prestígio ou de estigmatização conferido a uma forma variante, na ausência de testes de avaliação social para se estabelecer o grau de consciência do indivíduo acerca das formas alternantes. Essa variável frequentemente entra em cena pelo fato de a escola atuar como uma importante instância de divulgação das formas previstas pela norma padrão e, também, de resistência à variação e à mudança linguística. Ao se tratar de escolarização, formulam-se questões relacionadas à (i) normatização, estigmatização, neutralização; (ii) objeto de ensino escolar e objeto que escapa à atenção normativa da escola; e (iii) modalidade falada e modalidade escrita da língua (cf. VOTRE, 2004:52). Segundo Roncarati (2008:47), quando tra-

tamos de prestígio linguístico, fazemos “injunções sociais e linguísticas que configuram uma variedade e qualificam seu uso como prestigioso, estandardizando, ou estigmatizando.” A forma estigmatizada é aquela variante linguística empregada por pessoas desprovidas de prestígio econômico e social. Essa forma “é interpretada como inferior, em termos estéticos e informativos, pelos membros da comunidade discursiva” (VOTRE, 2004:52), que a tratam com comentários jocosos e a rejeitam. Não se pode ignorar, entretanto, as diferenças de concepções de norma culta/não-culta, norma padrão/não-padrão e de forma de prestígio/estigmatizada. Não raro, norma culta é concebida como sinônimo de norma-padrão e prestigiada. No entanto, essas são atribuições que nem sempre se recobrem, pois uma forma não-padrão pode ser considerada culta e não estigmatizada, principalmente se a regra que a implementa atua acima do nível de consciência dos indivíduos da comunidade. Como Faraco (2008:75), consideramos norma de prestígio (social, econômico e cultural) aquela classificada como norma culta, que é definida como “a variedade que os letrados usam correntemente em suas práticas mais monitoradas de fala e escrita”, enquanto a norma-padrão se constitui não “propriamente como uma variedade da língua, mas [como] um constructo sócio-histórico que serve de referência para estimular um processo de uniformização”.

Ainda segundo Faraco (2008:42), “norma é um termo que usamos, nos estudos linguísticos, para designar os fatos de língua usuais, comuns, correntes numa determinada comunidade de fala”, constituindo essa *norma* o conjunto de fatos linguísticos característicos de certa comunidade de fala, o que inclui os fenômenos em variação. Daí, a definição de norma levar em consideração o caráter constitutivamente heterogêneo da língua. Resultado: o termo norma é largamente empregado como sinônimo de variação (cf. FARACO, 2008:44-45). No entanto, a expressão *norma culta* nomeia o modo de falar de indivíduos letrados em situações mais monitoradas de fala, o que faz com que esse modo de falar seja tomado como objeto privilegiado de registro, estudo e cultivo sociocultural. Isso faz com que, muitas vezes, se confunda norma culta com a língua e se difunda, também no imaginário dos falantes/escreventes, um senso coletivo de que se, por um lado, haveria a língua, por outro, haveria as variedades, ou seja, as variedades não fariam parte da “língua”. Assim, o que confere prestígio a uma norma não é sua constituição linguística, mas o status social de seus usuários. O mesmo se dá com o estigma. O fato de uma variedade de língua ser estigmatizada está relacionado às condições sociais e econômicas que caracterizam seus usuários. O padrão (norma-padrão) atuaria como uma codificação abstrata tomada como reguladora do comportamento dos falantes em determinadas situações. Fugir ao padrão, a depender

da característica socioeconômica do falante, acionaria a estigmatização linguística.

Um exemplo de norma culta que não segue o padrão, nem por isso desprestigiada, é o apresentado por Scherre (2006) sobre a regra de concordância verbal em contextos de passiva sintética, como em “doa-se lindos filhotes de poodle” vs. “doam-se lindos filhotes de poodle”. O primeiro uso, não-padrão, ocorre com frequência na imprensa escrita, um forte indício de incorporação da regra por um segmento considerado culto, que fortemente estigmatiza a mesma falta de concordância verbal em outros contextos, como, por exemplo, em “nós pega o peixe”.

Já um exemplo de norma não-padrão, estigmatizada, é o apagamento de /d/ do morfema de gerúndio “-ndo”, que se realiza como “-no” na língua falada no interior paulista, como exemplifica (1), extraído de Ferreira (2010).

(1) ai meu tio pegô(u) foi lá pegô(u) uma cade(i)ra...
me colocô(u) e:: e ele ia puxan(d)o meu/minha perna e
meu pai... ia:... empurran(d)o a cade(i)ra...

[Iboruna, AC-014:NE:L28-29]

Segundo Ferreira (2010), após a análise variacionista dos dados, “a frequência da aplicação da regra é alta na variedade estudada, (...) sendo recorrente na fala dos homens, dos menos escolarizados e dos mais jovens (de 7 a 35 anos). Esses resultados assinalam um quadro típico de forma *inovadora e estigmatizada*” (grifo nosso), uma vez que os homens são os que mais favorecem o apagamento do /d/, enquanto as mulheres, mais a forma “-ndo”. Esses resultados corroboram a hipótese sociolinguística de que mulheres são mais conservadoras da norma culta, privilegiando o uso de formas não estigmatizadas. Ainda com base nesses resultados de Ferreira (2010), a escolaridade também é uma dimensão relevante para indicar que a forma inovadora “-no” é estigmatizada, uma vez que informantes com grau de escolaridade superior, independentemente do gênero, desfavoreceram a aplicação da regra. Portanto, o apagamento do /d/ do morfema de gerúndio se caracteriza como um exemplo de variedade não-padrão e estigmatizada na fala do interior paulista.

O açamento vocálico é uma regra variável no PB, e, neste artigo, o objetivo é descrever em que medida as variáveis *idade*, *escolaridade* e *sexo/gênero* atuam sobre essa regra, favorecendo ou inibindo sua aplicação. Na próxima seção, apresentamos detalhadamente o objeto de análise e as variáveis sociais e linguísticas consideradas.

3 Procedimentos metodológicos

A comunidade de fala¹ investigada é constituída de informantes provenientes de SJRP, cidade sede de região

¹ Assumimos o conceito de comunidade de fala definido em Labov (1972a:120-121).

administrativa que conta com 1.454.405 habitantes e das cidades que lhe são circunvizinhas, a saber: Ipiгуá, Onda Verde (ao norte), Guapiaçu (a leste), Cedral, Bady Bassitt (ao sul) e Mirassol (a oeste). Quanto aos indicadores sociais, SJRP, cuja população foi estimada em 419.632 habitantes em 2009, apresenta elevado nível de riqueza e bons níveis de indicadores sociais (SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, 2010), como nível de escolaridade: 94% da população é alfabetizada, índice superior ao da alfabetização na região, que é de 90%, segundo dados do IBGE/2010. A população, no tocante a sexo/gênero, é composta mais por mulheres (cerca de 216.802) do que por homens (cerca de 202.830), embora a diferença não seja significativa. Quanto à distribuição por entre as faixas etárias, há indícios de que a população de SJRP está envelhecendo, uma vez que está diminuindo o número de crianças e aumentando o número de idosos, quando comparados os resultados no período de 2000 a 2010.

Feita essa breve caracterização social da comunidade de onde provêm os informantes cujas falas são objeto deste estudo, passamos a tratar do material a partir do qual extraímos os dados que analisamos.

Selecionamos, para este estudo, inquiridos de fala do banco de dados do Iboruna para constituição do *corpus* de pesquisa, considerando as variáveis sociais *idade*, *escolaridade*, *sexo/gênero*, todas controladas na realização do censo linguístico de SJRP.² Cada inquirido é composto por cinco tipos/gêneros textuais, dos quais consideramos apenas as narrativas de experiência pessoal, uma vez que esse tipo de texto minimiza o paradoxo do observador, à medida que o falante atribui mais atenção ao que fala do que ao modo como fala (LABOV, 1972b).

Neste artigo, a variável dependente é a aplicação ou a não aplicação do alçamento vocálico. As variáveis independentes estão divididas entre variáveis sociais e variáveis linguísticas. As variáveis sociais são três, a saber: (i) faixa etária: de 16 a 25 anos, de 26 a 35 anos, de 36 a 55 anos e de mais de 55 anos;³ (ii) escolaridade: 1º ciclo do fundamental, 2º ciclo do fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior; e (iii) gênero/sexo: feminino e masculino (o que leva a um total 32 inquiridos: 4x4x2). As variáveis linguísticas são as elencadas no quadro abaixo, no qual apresentamos um exemplo para cada variante considerada, com destaque do segmento avaliado (observamos que não ocorre necessariamente alçamento para todos os exemplos).

Quadro 1 – Variáveis linguísticas

Variáveis	Fatores	Exemplos
Ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo	Labial Coronal Dorsal	<i>polícia</i> <i>decisão</i> <i>confusão</i>
Ponto de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo	Labial Coronal Dorsal	<i>romântica</i> <i>emoção</i> <i>alegria</i>
Modo de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo	Oclusiva Fricativa Nasal Lateral Tepe	<i>expectativa</i> <i>felicidade</i> <i>novembro</i> <i>adolescência</i> <i>problema</i>
Modo de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo	Oclusiva Fricativa Nasal Lateral Tepe R-retroflexo*	<i>pequeno</i> <i>sossega::do</i> <i>começo</i> <i>polícia</i> <i>frigorífico</i> <i>vergonha</i>
Estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre	CV CCV CV/N/** CVC	<i>felicidade</i> <i>projeto</i> <i>confecção</i> <i>vergonha</i>
Tonicidade da vogal pretônica-alvo	Atonicidade permanente Atonicidade não permanente	<i>adolescência</i> <i>novembro</i>
Altura da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo	Alta anterior [i] Alta posterior [u] Média-alta [e, o] Média-baixa [ɛ, ɔ] Baixa [a]	<i>alegria</i> <i>celular</i> <i>colégio</i> <i>moleque</i> <i>separação</i>
Distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo	Contígua Não contígua	<i>menino</i> <i>comunhão</i>

* Na variável “modo de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo”, nomeamos o segmento /r/ como tepe e como r-retroflexo em virtude da posição que cada um ocupa na sílaba. Assim, quando o /r/ ocupar posição intervocálica em início de sílaba (ataque), como em “frigorífico”, é nomeado tepe, e, quando o /r/ ocupar posição final de sílaba (coda), como em “verdade”, é r-retroflexo. Essa distinção se mostrou necessária, também, por ter ocorrido knockt entre essa variável e a da estrutura da sílaba, na primeira rodada dos dados no GoldVarb.

** Optamos por separar a estrutura da sílaba CV/N/ das demais sílabas CVC por compreender, assim como Bisol (1981), Schwindt (2002), Silveira (2008), dentre outros, que a chamada nasalidade fonológica tem funcionamento complexo, de tal ordem que é relevante analisá-la separadamente, uma vez que as vogais, quando em contato com elemento nasal na mesma sílaba, mudam de timbre, e, de certa forma, podem influenciar a aplicação da regra do alçamento de modo particular em relação às demais sílabas com coda preenchida por um elemento consonantal.

Em nossa análise, assim como Tenani e Silveira (2008) e Silveira (2008), excluimos contextos estruturais formados por (i) hiato (“c[u]elho”); (ii) prefixo (“d[i]sprecupado”); e (iii) vogal inicial (“[i]scada”). A exclusão desses contextos é feita a partir da afirmação de Bisol (1981), segunda a qual há o alçamento categórico das vogais pretônicas. Também excluimos palavras constituídas por sufixos *-zinho* e *-inho*, pois o primeiro se comporta como inibidor categórico, enquanto o segundo, como variável (BISOL, 1981:32). Assim, nosso objeto de investigação é constituído por vogais pretônicas, em substantivos e adjetivos, que estejam em contexto silábico CV, podendo ser C(C)V, CV(C). Nesse contexto silábico, a hipótese é a de que o alçamento seja variável, diferentemente do que se espera que ocorra nos contextos V(C), nos quais o processo tende a ser categórico.

Das 11 variáveis analisadas, sociais e linguísticas, o programa GoldVarb selecionou sete, as quais se encontram elencadas no Quadro 2, segundo a ordem de significância atribuída pelo programa.

² Disponível gratuitamente em <www.iboruna.ibilce.unesp.br>.

³ O banco Iboruna possui ainda a faixa etária de 7 a 15 anos, a qual foi desconsiderada nesta análise, por não ser possível seu cruzamento com o nível de escolaridade superior.

Quadro 2 – Ordem de significância das variáveis selecionadas

Ordem	Variáveis
1ª	Altura da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo
2ª	Modo de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo
3ª	Distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo
4ª	Tonicidade da vogal da sílaba pretônica-alvo
5ª	Idade
6ª	Estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre
7ª	Escolaridade

Realizamos, ainda, uma segunda rodada do programa GoldVarb cruzando as variáveis sociais. Justificamos esse cruzamento na crença assumida, neste trabalho, e anunciada anteriormente, de que tais variáveis podem atuar de modo interdependente. Com o cruzamento das variáveis sociais, o programa selecionou como relevante, no lugar da variável (7) *escolaridade*, o cruzamento entre *sexo/gênero e escolaridade*. A partir desse resultado, nos questionamos: por que a variável *sexo/gênero* não é selecionada em uma rodada, quando considerada sozinha, e é em outra, quando combinada com *escolaridade*? Levantamos a hipótese de que esse resultado evidencia que a *escolaridade* possui um efeito positivo sobre o gênero. Por outro lado, chama-nos atenção o fato de o cruzamento entre as variáveis *escolaridade e faixa etária* não ter sido selecionado, mas manteve-se a seleção, em quinto lugar na ordem de relevância, da variável *idade*. Tal fato nos faz questionar o porquê desse cruzamento não ter sido selecionado. Na próxima seção, apresentamos a análise das variáveis selecionadas e procuraremos responder a essas questões. Consideraremos, na organização da descrição dos resultados, a ordem de relevância das variáveis fornecida pelo programa e discriminada no Quadro 2. Assim, apresentaremos, primeiramente, a análise das variáveis linguísticas, listadas de (1) a (4) e (6), e encerramos a seção de análise com as variáveis sociais, (5) e (7), incluindo a discussão sobre os resultados do cruzamento dessas variáveis.

4 Análise dos resultados

A aplicação do alçamento vocálico na amostra de fala analisada neste trabalho apresentou, de modo geral, baixa frequência, o que pode ser observado na Tab. 1.

Tabela 1 – Aplicação do alçamento na variedade de SJRP (SP)

Contexto	Aplicação	Porcentagem
Pretônica /e/	87/398	22%
Pretônica /o/	59/327	18%

Nota-se que, dos 398 contextos de vogal pretônica /e/ considerados, houve alçamento vocálico em apenas 87, o que corresponde a 22% do total. Em relação à vogal pretônica /o/, dos 327 contextos candidatos, houve o alçamento vocálico em apenas 59, o que equivale a 18% do total. Verifica-se, portanto, que, na amostra de fala analisada, as vogais médias [e, o] predominam sobre as altas [i, u] respectivamente. Esse dado revela uma tendência a não haver alçamento vocálico na variedade falada em SJRP. Em linhas gerais, os resultados para SJRP se mostram entre os mais baixos em relação a outras variedades do PB, como pode se observar na comparação interdialeto mostrada na Tab. 2.

Tabela 2 – Aplicação do alçamento em algumas variedades do PB

Varietade / Obra	Alçamento de /e/	Alçamento de /o/
Porto Alegre (RS) / Bisol (1981)	22%	33%
Belo Horizonte (MG) / Viegas (1987)	33%	31%
Salvador (BA) / Silva (1991)	20%	25%
Bragança (PA) / Freitas (2001)	14%	20%
Nova Venécia (ES) / Célia (2004)	14%	26%
João Pessoa (PB) / Pereira (2004)	34%	35%
SJRP (SP) / Silveira (2008)	13%	14%

Considerados os dados da Tab. 2 e comparando-os com os descritos neste trabalho (Tab. 1), chama-nos a atenção (i) uma taxa maior de alçamento em nossos dados em relação aos de Silveira (2008), para a mesma variedade considerada; e (ii) uma inversão do resultado da maior taxa de alçamento entre as vogais: em nossos dados, houve mais alçamento da vogal pretônica /e/ (22%) do que para /o/ (18%) e no de Silveira (2008), menos alçamento para a pretônica /e/ (13%) do que para /o/ (14%). Possivelmente essa diferença de resultados esteja relacionada à diferença de perfil social dos informantes considerados. Silveira (2008) analisou os dados produzidos apenas por mulheres de nível superior de escolaridade, enquanto neste trabalho consideramos dados produzidos por informantes de ambos os sexos/gêneros, de variados níveis de escolaridade e de diferentes faixas etárias. Assim, este trabalho avança em relação ao de Silveira (2008), por considerar, além de variáveis linguísticas relacionadas ao alçamento vocálico, variáveis sociais como idade, escolaridade e sexo/gênero. Foram selecionadas cinco variáveis linguísticas pelo GoldVarb como estatisticamente relevantes. Na Tab. 3,

apresentamos os resultados encontrados para cada uma das variáveis selecionadas pelo programa, na ordem em que foram selecionadas.

Tabela 3 – Número de aplicação (N), Frequência percentual (%) e peso relativo (P.R.) do alçamento de vogais pretônicas em nomes: variáveis linguísticas

Variáveis selecionadas/fatores	N	%	P.R.
Altura da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo			
Alta anterior [i]	125/288	43	.87
Alta posterior [u]	7/37	19	.83
Média-alta [e, o]	9/197	5	.28
Média-baixa [ɛ, ɔ]	6/76	8	.23
Baixa [a]	2/127	2	.05
Modo de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo			
Nasal	93/236	40	.75
Lateral	14/93	15	.45
Tepe	10/71	14	.43
Oclusiva	15/118	13	.40
Fricativa	14/143	10	.33
Retroflexo	3/64	5	.19
Distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo			
Contígua	123/435	28	.70
Não contígua	26/290	9	.21
Tonicidade da vogal da sílaba pretônica-alvo			
Atonicidade permanente	146/632	23	.57
Atonicidade não permanente	3/93	3	.10
Estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre			
CVC	7/74	10	.67
CV	131/505	26	.60
CV/N/	10/62	16	.30
CCV	1/84	1	.07

Input: 0,121; Sig.: 0,000.

No que tange à *altura da vogal da sílaba subsequente à da pretônica-alvo*, variável selecionada como a mais relevante pelo programa, os resultados mostram que vogais altas atuam como gatilho na aplicação do processo de alçamento vocálico. Verificamos, na Tab. 3, que ambas as vogais altas apresentam P.R. elevado: .87 para [i] e .83 para [u], como em “b[i]bida” e “c[u]stume”, respectivamente. Já as demais vogais desfavorecem o processo, como esperado.

Em relação ao *modo de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo*, constatamos que o alçamento é favorecido pelo modo de articulação nasal, com P.R. de .75. Os demais modos de articulação não favorecem o alçamento. Em relação à nasal, podemos citar, como exemplo, as palavras “c[i]mitério” e “d[u]mingo” em que há alçamento categórico para a primeira e praticamente categórico para a segunda (são 12/13 ocorrências com alçamento). Também houve alçamento categórico de “c[u]mpadre”, que tem o núcleo da sílaba subsequente

à sílaba da pretônica-alvo preenchido pela vogal baixa. Provavelmente, o que favoreceu o alçamento nessa palavra foi o traço de nasalidade, e não a altura da vogal, pois, como vimos, a vogal baixa não atua favoravelmente na regra de alçamento. Nos dados de Tenani e Silveira (2008) e Silveira (2008), a nasalidade também foi um fator produtivo para o alçamento vocálico. Quanto à *distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo*, os resultados apresentados na Tab. 4 apontam a contiguidade entre as sílabas em questão como fator que favorece o alçamento, com P.R. de .70, como em “p[u]lícia” e “al[i]gria”. Esse resultado confirma o de Silveira (2008), segundo a qual a adjacência da vogal alta em relação à pretônica candidata exerce papel determinante na caracterização da regra de harmonização vocálica.

Já em relação à *tonicidade da vogal da sílaba pretônica-alvo*, constatamos que, quando a sílaba pretônica-alvo é caracterizada por atonicidade permanente, ou seja, quando nunca recebe acento, há um leve favorecimento ao alçamento, com P.R. de .57, como em “p[i]queno” e “s[u]segado”. Esse mesmo resultado foi relatado por Tenani e Silveira (2008:461), que constatam que “a atonicidade permanente é a condição ideal para que ocorra a elevação vocálica”.

No que diz respeito à *estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre*, as sílabas CVC, com coda em /R/, /S/ ou /L/, e CV favorecem o alçamento vocálico, pois apresentam P.R. de .67 e .60, respectivamente. Sílaba CV é o tipo de estrutura mais recorrente nos dados em análise (são 506/725 palavras com vogal pretônica candidata ao alçamento em sílaba CV) e a que apresenta maior porcentagem de aplicação (26%). Atribuímos esse resultado ao fato de haver alçamento categórico em várias palavras com sílabas CV como, por exemplo, “m[u]leque” (100%), “fut[i]bol” (100%), “p[i]rigo” (100%), “c[i]mitério” (100%), “gas[u]lina” (100%). Com relação às palavras com sílabas formadas pela estrutura CVC, chama-nos a atenção a porcentagem ser mais baixa que a formada por CV, mas o peso relativo ser um pouco mais alto (.67 para CVC e .60 para CV). É interessante observar o conjunto de palavras com sílabas CVC em que há alçamento: apenas 8/74 palavras têm a coda preenchida por /S/, sendo que há alçamento categórico em quatro delas (50%), quais sejam, “v[i]stido” (100%), “d[i]stino” (100%), “c[u]stume” (100%) e “c[u]stureira” (100%). Esses resultados para as estruturas da sílaba confirmam aqueles descritos por Tenani e Silveira (2008:459), para dados de informantes de sexo/gênero feminino com nível superior de escolaridade, em que as mesmas estruturas silábicas, CVC e CV, foram selecionadas como favoráveis ao alçamento. Segundo as autoras, para a sílaba CVC, “o favorecimento da aplicação da regra atribuído a esse tipo

silábico pôde ser relacionado apenas à fricativa /S/”, o que comprovamos neste trabalho por meio de dados com 100% de aplicação do alçamento vocálico.

Para além desse resultado geral, destacamos que, para as 66 palavras restantes, todas com coda preenchida por /R/ não houve alçamento, exceto em três das cinco ocorrências de “português”. Vale, pois, investigar motivações para ocorrer a forma alçada “p[u]rtuguês” ao lado de “p[o]rtuguês”, uma vez que, em todo o *corpus* analisado, todas as cinco ocorrências se encontram no mesmo inquérito e no trecho a seguir transcrito.

(2) Inf.: tem... tem sim... por exemplo alguns dos mais antigos contavam por exemplo do... PAdre... esse padre que chegô(u) por volta de mil oitocentos e oitenta e cinco oitenta e sete... ele:... tinha um sotaque MUIto forte de... p[o]rtuguês... ((barulho de carros)) então TODos eles mencionavam... – “o PAdre p[u]rtuguês” – ... – “o PAdre p[u]rtuguês” – ... ((imitando como as pessoas falavam)) e agora... nessas pesquisas que eu fiz... na CÚria diocesana... eu tive oportunidade de encontrá(r)... alguns docuMENTos... escrito pelo padre José Bento da Costa... éh:: (que foi um padre assim) bastante diNÂMico (...) ele dá os dados pessoais dele... que ele era nasCIDo... em MoGI ele era paulista... não era p[o]rtuguês... mas que ele tinha ido estudá(r) ainda menino... em Portugal... daí então o sotaque forte dele... de p[u]rtuguês... e que isso ficô(u) marcado... na memória da população...

[Iboruna, AC-146:NE:L.7-23]

Em (2), o inquérito apresentado é de informante do sexo/gênero feminino, com mais de 55 anos e com Ensino Superior, e ocorre alçamento em “português” (i) quando a informante está reproduzindo a forma de falar das pessoas e (ii) quando ela faz referência ao modo de falar do padre. Parece que assim procura fazer distinção entre o seu modo de “falar” “p[o]rtuguês” – sem alçamento – do modo de “falar” das demais pessoas – com alçamento. Na alternância que a informante faz entre “p[o]rtuguês” e “p[u]rtuguês” parece estar em jogo, também, aspectos discursivos da língua. Ainda aspectos semânticos poderiam explicar a distinção entre “p[o]rtuguês” e “p[u]rtuguês”. Viegas (2001), por exemplo, demonstrou que, para o português falado na região metropolitana de Belo Horizonte, alguns itens lexicais menos prestigiados favoreciam a implementação do alçamento das vogais médias pretônicas, evidenciando uma seletividade lexical. De acordo com a autora, nessa seletividade, “os primeiros itens atingidos foram os mais comuns, transmitidos no cotidiano. Posteriormente, o processo adquiriu *estigma* e o alçamento foi usado para indicar *desprestígio*, atingindo valor *pejorativo*, fato observado ainda hoje, em itens

como P[o]rtuguês (disciplina) e p[u]rtuguês (‘piada de português’)”. Constatamos, portanto, que, no alçamento identificado de “português”, há evidências de uma possível estigmatização, visto que a informante – mulher, com Ensino Superior – diferencia o seu modo de falar do modo de falar das demais pessoas (a população em geral). Esse dado contribui para uma perspectiva difusionista de análise do alçamento, na linha do que defende Viegas (2001).

Quanto às variáveis sociais, iniciamos a análise pela variável faixa etária, a quinta selecionada pelo programa GoldVarb na ordem de significância. Os resultados referentes a essa variável encontram-se na Tab. 4.

Tabela 4 – Aplicação (N), Frequência percentual (%) e peso relativo (P.R.) do alçamento de vogais pretônicas em nomes segundo a variável *faixa etária*

Idade	N	%	P.R.
De 16 a 25 anos	21/145	15	.40
De 26 a 35 anos	48/224	21	.55
De 36 a 55 anos	65/179	36	.72
Mais de 55 anos	15/178	8	.28

Input: 0.046; Sig.: 0.003.

Verificamos que as faixas etárias que representam os grupos extremos – mais jovens e mais velhos – apresentam comportamento semelhante em relação ao fenômeno estudado, qual seja, não favorecem o alçamento vocálico, visto que os P.R., para ambas as faixas, são, respectivamente, de .40 e .28. Já as faixas intermediárias, que também apresentam um mesmo comportamento, qual seja, favorecem a aplicação do alçamento, apresentam P.R. de .55 (de 26 a 35 anos) e .72 (de 36 a 55). Teríamos, portanto, para a variável faixa etária, um padrão curvilinear do alçamento vocálico na amostra de fala de SJRP. Dessa forma, encontramos evidências de que o fenômeno está estável na comunidade considerada, não apontando, portanto, para mudança em progresso. Assim, a diferença de faixa etária acaba por delimitar fronteiras sociais, marcando a identidade dos informantes: pessoas com mais de 55 anos tendem a ser conservadoras em relação ao alçamento, como também o são jovens entre 16 e 25 anos, estes, porém, com taxa de aplicação relativamente mais alta do que a dos idosos, o que não significa que se trata de fenômeno linguístico socialmente estigmatizado.

Uma vez que a variável faixa etária mostrou-se significativa para o fenômeno estudado, optamos por analisar seu cruzamento com as variáveis sexo/gênero e escolaridade. A seguir, na Tab. 5, apresentamos o cruzamento entre faixa etária e sexo/gênero.

Tabela 5 – Aplicação (N), Frequência percentual (%) e peso relativo (P.R.) do alçamento de vogais pretônicas em nomes, segundo o cruzamento das variáveis *faixa etária X sexo/gênero*

Idade \ Sexo/gênero	Masculino			Feminino		
	N	%	P.R.	N	%	P.R.
De 16 a 25 anos	12/74	16	.46	9/71	13	.39
De 26 a 35 anos	29/132	22	.55	19/92	21	.53
De 36 a 55 anos	22/91	24	.58	43/88	49	.81
Mais de 55 anos	9/121	7	.26	6/57	11	.34

Input: 0.183; Sig.: 0.000.

Mesmo cruzando faixa etária e sexo/gênero, os resultados em relação à faixa etária da Tab. 5 não se alteram, porque as faixas intermediárias respondem, para ambos os sexos/gêneros, pelo maior índice de alçamento, mostrando estabilidade do fenômeno variável na comunidade de fala. Observamos que se mantém o mesmo padrão curvilíneo dos resultados apresentados na Tab. 4, independentemente do sexo/gênero do falante. Destacamos, desse cruzamento, o segmento formado por informantes do gênero feminino de 36 a 55 anos, para os quais o P.R. é de .81. Também observamos que os resultados não revelam muita diferença entre gêneros nas diferentes faixas etárias. Esses dados confirmam, portanto, que o fenômeno é estável na comunidade, além de confirmar também que não há estigma social no uso de formas alternantes com alçamento vocálico.

Vejamos, por meio da Tab. 6, a atuação conjunta das variáveis faixa etária e escolaridade sobre o alçamento vocálico.

Tabela 6 – Aplicação (N), Frequência percentual (%) e peso relativo (P.R.) do alçamento de vogais pretônicas em nomes segundo o cruzamento das variáveis *faixa etária X escolaridade*

Idade \ Escolaridade	1º ciclo do Fund.			2º ciclo do Fund.			Ens. Médio			Ens. Superior		
	N	%	P.R.	N	%	P.R.	N	%	P.R.	N	%	P.R.
De 16 a 25 a.	1/11	9	.32	11/59	19	.52	8/57	14	.44	1/18	6	.22
De 26 a 35 a.	2/8	25	.62	30/124	24	.61	11/39	28	.65	5/53	9	.33
De 36 a 55 a.	6/11	55	.85	16/25	64	.89	26/55	47	.81	17/88	19	.54
Mais de 55 a.	2/10	20	.55	6/30	20	.55	1/34	3	.12	6/104	6	.23

Input: 0.170; Sig.: 0.000.

Tabela 7 – Aplicação (N), Frequência percentual (%) e peso relativo (P.R.) do alçamento de vogais pretônicas em nomes segundo a variável *escolaridade*

Escolaridade	N	%	P.R.
Primeiro ciclo do Fundamental	11/40	27	.61
Segundo ciclo do Fundamental	63/238	26	.60
Ensino Médio	46/185	25	.57
Ensino Superior	29/263	11	.34
Total	149/726	20.5	

Input: 0.806; Sig.: 0.000.

Os resultados obtidos para o cruzamento das variáveis faixa etária e escolaridade evidenciam uma tendência geral de efeito positivo da escolarização, pois, para todas as faixas de idade, o P.R. cai em função do aumento da escolarização. Os dados também confirmam que é a faixa de 36 a 55 anos a que responde pelo índice geral de aplicação da regra alçamento. A fim de investigarmos melhor essa faixa etária e buscarmos evidência que possam explicar o favorecimento do alçamento vocálico, investigamos outros fatores além daqueles controlados nesta pesquisa, considerando informações da ficha social de cada um dos informantes. Identificamos que a maior parte dos informantes que constitui a faixa etária de 36 a 55 anos mora em bairros populares e periféricos da cidade de SJRP e/ou exercem profissões pouco exigentes com relação à forma de expressão, ou seja, que estão isentas de pressões normativas de uso da língua, como é o caso de diarista, pintor e auxiliar de escritório. Somente três dos oito informantes têm perfis sociais (como bairro onde residem e profissões que exercem) que os levariam a um comportamento diferenciado em relação aos demais informantes do grupo. Assim, a explicação para o comportamento do grupo seria a de que informantes provenientes de bairros periféricos e/ou de profissões de baixo *status* na escala social prezariam mais por um estilo de fala que os identifica enquanto grupo social do que por um estilo que possa lhes conferir prestígio social.

Em relação à escolaridade, última variável selecionada pelo programa na ordem de significância, apresentamos os resultados na Tab. 7.

Observamos, na Tab. 7, que o alçamento é desfavorecido quando se trata de falantes com Ensino Superior e que os P.R. diminuem conforme aumenta o nível de escolarização dos informantes. Esses resultados confirmam que a escola (ou os conhecimentos sobre a escrita veiculados em ambiente escolar) atua como um regulador do alçamento vocálico, evidenciando que há uma associação entre o uso de formas não-padrão da língua ao menor tempo de escolarização do falante, ao passo que, quanto mais escolarizado, mais conservador é o falante em relação à forma não padrão.

A fim de investigarmos mais detalhadamente os resultados obtidos para a variável escolarização, procedemos ao cruzamento dessa variável com a variável sexo/gênero. Os resultados obtidos estão apresentados na Tab. 8.

Tabela 8 – Aplicação (N), Frequência percentual (%) e peso relativo (P.R.) do alçamento de vogais pretônicas em nomes segundo o cruzamento das variáveis *sexo/gênero X escolaridade*

Escolaridade \ Sexo/gênero	Masculino			Feminino		
	N	%	P.R.	N	%	P.R.
Primeiro ciclo do Fundamental	4/16	25	.92	7/25	28	.55
Segundo ciclo do Fundamental	33/151	22	.69	31/89	35	.51
Ensino Médio	23/88	26	.60	24/102	17	.40
Ensino Superior	12/163	7	.27	17/100	17	.47

Input: 0.046; Sig.: 0.003.

Os resultados dos P.R. permitem visualizar que a escolaridade tem efeito positivo sobre o fenômeno de alçamento vocálico para ambos os sexos/gêneros. É possível observar que os P.R. caem dos níveis mais baixos de escolaridade para os mais altos,⁴ havendo, para os homens, uma queda acentuada do primeiro ciclo do Ensino Fundamental (P.R. de .92) para o Ensino Superior (P.R. de .27). Para as mulheres, também se configura a queda do P.R. correlacionada aos níveis de escolarização, embora seja o P.R. de .47 no Ensino Superior o único que não traça o desenho de constante queda, porém esse dado não significa favorecimento da regra de alçamento, visto que está abaixo de .50. Assim, o cruzamento de escolaridade com sexo/gênero permite restabelecer para a comunidade a premissa de que mulheres conservam mais a norma do que os homens, porque, com exceção do Ensino Superior, em todas as faixas de escolaridade os homens alçam mais do que as mulheres, com diferença considerável de P.R. A respeito dessa diferença, observamos o efeito positivo da escolaridade para ambos os sexos/gêneros, uma vez que, de modo geral, o P.R. cai consideravelmente à medida que sobe o nível de escolaridade dos informantes. Mas esse resultado ainda não é conclusivo para se falar em estigma social ou em mudança, pois, como visto na análise dos resultados da Tab. 4, os dados relativos à variável idade apontam que o alçamento vocálico é um caso de variação estável na comunidade de fala analisada.

⁴ Observamos que, embora os P.R. para homens e mulheres do primeiro ciclo do Ensino Fundamental sejam os mais altos, a porcentagem é ligeiramente mais baixa do que outras faixas analisadas. Esse fato é, possivelmente, decorrente de haver poucos dados para essa faixa de escolaridade.

5 Considerações finais

Neste artigo, analisamos o processo de alçamento de vogais pretônicas, em substantivos e adjetivos, na variedade falada em SJRP. Tínhamos por objetivo verificar a relevância de variáveis sociais no alçamento de /e/ e /o/ e responder se esse fenômeno é ou não estigmatizado na comunidade de fala considerada. Para tanto, empregamos a ferramenta estatística GoldVarb e analisamos amostras de fala de 32 informantes do Banco de Dados do Iboruna. Após a análise dos dados, verificamos que a taxa de aplicação do alçamento revela uma fraca tendência ao alçamento na variedade do Português falada em SJRP. Também vimos que, para o fenômeno em análise, as variáveis linguísticas atuam de modo mais significativo que as variáveis sociais. Quanto às variáveis sociais, são relevantes estatisticamente *faixa etária* e *escolaridade*. Em relação à variável faixa etária, pudemos observar que os falantes mais jovens e os mais velhos tendem a não favorecer o alçamento vocálico, resultado que aponta para uma variação estável na comunidade. A escolaridade, por sua vez, mostrou-se atuar como variável positiva no alçamento, visto que, independentemente da faixa etária e do gênero do falante, o P.R. cai consideravelmente à medida que sobe o nível de escolaridade dos informantes. Ainda em relação à escolaridade, seu cruzamento com sexo/gênero indica que as mulheres tendem a conservar mais a norma padrão do que homens, que diminuem consideravelmente a taxa de alçamento, superando mesmo o comportamento do gênero feminino, apenas quando atingem formação Superior, resultado que reforça, mais uma vez, o efeito positivo da escolaridade sobre o fenômeno analisado. Da análise desses resultados, concluímos que o alçamento vocálico é um fenômeno linguístico em variação estável e não estigmatizado na comunidade de fala considerada.

Referências

- ABAUERE-GNERRE, Maria Bernadete Marques. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, UNICAMP, Campinas, n. 2, p. 23-45, anual, 1981.
- BISOL, Leda. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. 1981. 280f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.
- CARMO, Márcia Cristina. *As vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista*. 2009. 117f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.
- CELIA, Gianni Fontes. *As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia*. 2004. 114f. Dissertação (Mestrado em

- Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FREITAS, Simone Negrão. *As vogais pretônicas no falar da cidade de Bragança*. 2001. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual da Paraíba, Belém, 2001.
- FERREIRA, Jesuelen Salvani. *O apagamento do /d/ em morfema de gerúndio no dialeto de São José do Rio Preto*. 2010. 142f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2010.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. *A relevância de variáveis sociais em fenômenos variáveis na fala do interior paulista*. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA, I, São Paulo, 2008. *Resumos ...* São Paulo: SIMELP, 2008. Disponível em: <<http://www.filch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp18/06.pdf>> Acesso em: 10 jan. 2010.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico 2000*. Educação: Resultados da Amostra. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/default_educacao.shtm>. Acesso em: 28 out. 2011.
- LABOV, William. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.
- LABOV, William. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972b.
- MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: BRAGA, Maria Luíza; MOLLICA, Maria Cecília. (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 9-14.
- PEREIRA, Regina Celi Mendes. A harmonização vocálica e a variação das médias pretônicas. In: HORA, Dermeval da (Org.). *Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: UFPB, 2004. p.11-128.
- RONCARATI, Cláudia. Prestígio e preconceito linguísticos. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Preconceito linguístico e cânone literário, cidade*, n. 36, p. 45-56, 1º sem., 2008. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/36/artigo2.pdf>> Acesso em: 05 jan. 2010.
- SÃO JOSÉ DO RIO PRETO. *Conjuntura Econômica de 2010*. Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto. 2010. Disponível em: <http://www.riopreto.sp.gov.br/PortalGOV/do/subportais_Show?c=44152>. Acesso em: 13 set. 2010.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, preconceito e mídia*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- SILVEIRA, Ana Amélia Menegasso. *As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista*. 2008. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.
- SCHWINDT, Luiz Carlos. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia Regina. (Org.). *Fonologia e Variação: recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 161-182.
- SILVA, Myrian Barbosa da. Um traço regional na fala culta de Salvador. *Organon*, Porto Alegre, v. 18, p. 79-89, anual, 1991.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- TENANI, Luciani; SILVEIRA, Ana Amélia Menegasso. O alicamento das vogais médias na variedade culta do noroeste paulista. *Alfa*, São Paulo, v. 52, n. 2, p. 447-464, 2008.
- VIEGAS, Maria do Carmo. *Alicamento das vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística*. 1987. 231 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.
- VIEGAS, Maria do Carmo. *O alicamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais*. 2001. 284f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.
- VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: BRAGA, Maria Luíza; MOLLICA, Maria Cecília. (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 9-14.

Recebido: 28/2/2012

Aprovado: 30/4/2012

Contato: vpavezi@yahoo.com.br
lutenani@ibilce.unesp.br
scarlos@ibilce.unesp.br